

QUANDO O ESTRANHO BATE À PORTA: REFLEXÕES SOBRE MIGRAÇÕES E FRONTEIRAS

CUANDO LO EXTRAÑO BATE A LA PUERTA: REFLEXIONES SOBRE MIGRACIONES Y FRONTERAS

Alex Dias de Jesus¹
Alexandre Honig Gonçalves²

RESUMO: A atual fase da globalização é marcada pela intensificação dos fluxos de mercadorias, informações, capitais e pessoas ao redor do mundo. Entretanto, a crescente fragmentação do processo produtivo, acompanhado da intensa circulação do capital, convive com restrições à circulação de pessoas e a seletividade na disseminação de informações. Para alguns, ela trouxe possibilidades de mobilidade cada vez mais veloz, para outros, configura-se enquanto prisão na medida em que bloqueia acessos. Diante disso, o presente ensaio tem como objetivo central discutir o paradoxo das fronteiras no contexto da globalização, lançando luz sobre os atuais processos migratórios e as políticas restritivas à mobilidade. A fronteira, como aqui abordada, é constituída de mobilidades, aceitações negociadas, atravessamentos, mas também restrições, bloqueios e estranhamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Globalização; Fronteiras; Migrações; Atravessamentos; Estranhamento.

RESUMEN: La actual fase de la globalización es marcada por la intensificación de los flujos de mercaderías, informaciones, capitales y personas alrededor del mundo. Sin embargo, la creciente fragmentación del proceso productivo, acompañado de la intensa circulación del capital, convive con restricciones a la circulación de personas y la selectividad en la diseminación de informaciones. Para algunos, ella trajo posibilidades de movilidad cada vez más veloz, para otros, se configura como prisión en la medida en que bloquea accesos. Delante de eso, el presente artículo pretende abordar la paradoja de las fronteras en el contexto de la globalización, lanzando luz sobre los actuales procesos migratorios y las

¹ Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: alexdias@ifpi.edu.br

² Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: alexandrehgongalves@gmail.com

políticas restrictivas a la movilidad. La frontera, como aquí abordada, es constituida de moviidades, aceptaciones negociadas, atravesamientos, pero también restricciones, bloqueos y extrañamiento.

PALABRAS-CLAVE: Globalización; Fronteras; Migraciones; Atravesamientos; Extrañamiento.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo central problematizar a noção de fronteira no contexto da globalização, marcada por intensos fluxos de mercadorias, capitais e informações, mas também pela crescente mobilidade populacional ao redor do mundo. Diante disso, discute-se a seguir o paradoxo da globalização diante da multiplicação de fronteiras.

Frente à soberania dos Estados, estabeleceram-se demarcações físicas, políticas e administrativas para o exercício de domínio e força, materializadas por meio das fronteiras e limites que representam muito mais do que mera divisão do espaço, uma vez que determinam as delimitações de poder de cada país e, imediatamente, servem para garantir a autonomia e autodeterminação destes, frente ao cenário das relações internacionais por meio de elementos subjetivos e objetivos, como por exemplo, leis e marcos geodésicos, respectivamente (KELSEN, 2005).

Entretanto, as fronteiras como aqui abordadas, ultrapassam os limites do Estado-nação e desdobram-se enquanto elementos de identificação que separa, hierarquiza e segrega. As fronteiras são relacionais e existem no contato com o Outro, com a diferença. Por esse motivo, manifestam-se em escalas supranacionais do jogo político internacional, mas também nas relações cotidianas entre as pessoas na rua, no trabalho, na igreja, em muitos locais, enfim, no viver.

Discute-se, nas seções seguintes, o contexto da globalização e o paradoxo do fortalecimento das fronteiras frente aos fluxos migratórios em detrimento da lógica da porosidade diante dos fluxos de capitais e mercadorias e o movimento das fronteiras presente nas migrações.

Assim, o esforço em responder ao objetivo geral proposto nesta pesquisa, foi o de trazer em voga as contradições que envolvem as paradoxais lógicas de permeabilidade e fortalecimento das fronteiras na globalização e seus atores

associados, destacando elementos que contribuam para a compreensão das relações que marcam o contato com o Outro.

O PARADOXO DA GLOBALIZAÇÃO E O FORTALECIMENTO DAS FRONTEIRAS

Utilizada de maneira corrente pelo menos há duas décadas, a palavra “globalização” tem marcado nossos entendimentos acerca do espaço mundial. A visão de intensa e desimpedida mobilidade, de instantaneidade de informações, de profundo intercâmbio cultural ainda persiste, apesar de importantes questionamentos. O atual processo de globalização, reestruturado sobretudo durante a década de 1990 com a multipolaridade econômica, com as políticas neoliberais e com o intenso desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte, difundiu a percepção de que há processos de integração mundial que atravessam desde as escalas supranacionais até o cotidiano da vida pessoal, destruindo as fronteiras nacionais.

Como processo multidimensional, evidentemente, suscitou em suas análises, abordagens igualmente diversas, principalmente nos campos da política, economia e cultura. Desde defesas entusiastas, ponderadas, e até questionadoras da veracidade do processo e da utilidade do termo, a globalização ocupou, nas primeiras décadas do século XXI, grande espaço no meio acadêmico.

Os debates acerca da crescente e fragmentada integração, oscilam entre o medo e o fascínio, o pânico e o encantamento, como se estivéssemos vivendo um novo tempo, de grande intercâmbio cultural, de uma fluidez que atinge a tudo e a todos. Assim entendida, a globalização é um mito (BATISTA JR, 1998) ou uma fábula, que através de repetições de fantasias, é tomada como verdade sólida, conforme destaca Santos (2010).

Fala-se, por exemplo, em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. A partir desse mito e do encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a ideia de tempo e espaço contraídos. É como se o mundo se houvesse tornado, para todos, ao alcance da mão (SANTOS, 2010, p. 18).

Apesar das características contemporâneas, nos parece importante ressaltar que a globalização atual tem origens no processo de internacionalização econômica,

iniciado com a expansão europeia em fins do século XV e que tal expansão agravou as assimetrias de poder ao redor do mundo, marcando um jogo altamente desigual. Os mecanismos de mercado, com claras vantagens para os países ricos, reproduziram e ampliaram as desigualdades no mundo ao longo de séculos.

E é justamente pela existência dessas desiguais condições, que se mantêm o elevado grau de endividamento externo de muitos países, a alta concentração tecnológica em alguns poucos, a vulnerabilidade econômica dos países pobres e em desenvolvimento, enfim, a deterioração das condições de vida de grande parte da população que busca, por diversos meios, superar tal condição, inclusive emigrando.

Grandes empresas do mercado internacional ampliaram suas áreas de atuação valendo-se dos subsídios governamentais, da evolução dos transportes e, claro, do poder da informação do *marketing* e propaganda. Essas empresas, originárias de países ricos em sua maioria, segmentam suas ações em locais que lhes sejam mais vantajosos. Para elas, as fronteiras tornam-se porosas com grande facilidade.

Um fato que precisa ser considerado, é que as grandes corporações com atuação internacional têm uma base nacional e mesmo que ocorra uma crescente fragmentação do processo produtivo em diversos países, geralmente as ações de comando e gerenciamento concentram-se nas suas origens nacionais, sinalizando onde está o controle e onde está a execução.

Entretanto, essas empresas movimentam-se no espaço mundial com intensa velocidade, deslocando suas unidades produtivas para locais que lhes sejam mais vantajosos mesmo que isso signifique milhares de desempregados da noite para o dia. Em muitos casos, ocorrem atitudes de chantagem diante do Estado, ameaçando ir embora quando não atendidas em seus interesses.

A corrente interpretação que se faz, é que passamos de um mundo de lugares delimitados, isolados, para um mundo de fluxos, de conexões. Para Massey (2013), essa é uma concepção temporal do espaço, distribuindo países como “atrasados” e outros como “avançados”. Nessa concepção, a globalização capitalista é apontada como única possível e os países “atrasados” “não têm espaço para contar histórias diferentes, para seguir outro caminho. Eles são coagidos a entrar na linha, atrás dos que planejaram a fila” (MASSEY, 2013, p. 126).

Para essa autora, as instituições e governos dominantes que clamam mais fortemente em favor da globalização, pautam a questão em torno do livre comércio, da circulação global de capitais e mercadorias, apesar das frequentes práticas protecionistas implementadas por eles mesmos.

O próprio termo “livre” envolve, imediatamente, alguma coisa boa, algo que deve ser almejado. É certo, de modo óbvio, que o espaço não deveria ter limites. No entanto, surge um debate sobre imigração, e eles, de imediato, recorrem a outra imaginação completamente geográfica, outra visão do espaço global que é igualmente poderosa, igual e aparentemente indiscutível. (...) É a imaginação dos lugares defensáveis, dos direitos do “povo local” aos seus “próprios locais” de um mundo dividido pela diferença e pelo sabor de fronteiras firmes, uma imaginação geográfica de nacionalismos (MASSEY, 2013, p. 131).

Assim, a globalização é abordada por diferentes perspectivas de acordo com a conveniência. Os mesmos defensores do discurso da conectividade, dos fluxos, da instantaneidade, amaldiçoam refugiados e exigem barreiras mais rígidas para conter imigrantes, propagando aos quatro ventos que tratam-se de “imigrantes ilegais”, como se a legalidade das políticas migratórias não fosse altamente seletiva.

Em se tratando do fluxo de pessoas na globalização, um elemento importante a ser considerado é o conhecimento da realidade de lugares distantes. Embora de maneira limitada, ele é proporcionado pelos fluxos de informações que ampliam o horizonte do migrante para espaços cada vez mais distantes, oferecendo imagens de um mundo com mais oportunidades, onde pode-se viver melhor.

Contudo, do discurso à prática, do imaginário à realidade, enormes abismos existem e são, em determinados contextos, ampliados, demonstrando que as margens não chegaram ao centro porque “a maior parte das margens – mesmo que desejassem imigrar - foi muito rigorosamente excluída” (MASSEY, 2013, p. 135).

MIGRAÇÕES E O MOVIMENTO DAS FRONTEIRAS

Geralmente, construímos uma imagem de fronteira como se fosse um limite, uma linha demarcatória de diferenças cristalizada pelas imagens de mapas, principalmente quando representam a ideia do Estado-nação. Ocorre, com muita frequência, certa confusão entre os termos limite, divisa e fronteira. Entretanto,

apesar de certa proximidade, esses termos podem representar processos muito distintos.

A raiz etimológica do conceito relativo à “Fronteira” (*front*) refere-se àquilo que está à frente, sugerindo - exatamente - a demanda pelo estabelecimento de uma área de segurança interna, que possui o atributo de amortecer adequadamente qualquer tipo de inserção indevida que, por ventura, possa vir a violar - ou atentar - contra os princípios basais da soberania de um determinado Estado - antes de tudo, esta perspectiva indica uma necessária separação de territórios.

Por sua vez, a gênese da teoria relativa ao “Limite” remete a algo que se insinua entre dois - ou mais - universos e suas cosmologias peculiares, determinando suas divisões, procurando anunciar a diferença e apartar o que não pode - e, não deve -, permanecer conectado. Este limite suscita e excita o aspecto da diferença e impõe a prerrogativa da separação. De tal modo que a acepção mais decisiva acerca do limite é àquela que, remete à ideia de cerceamento da liberdade. Dessa forma, o limite é apresentado e compreendido como sendo um obstáculo ao trânsito livre entre as fronteiras (HISSA, 2006).

Enquanto o limite é uma linha invisível, resultado de um tratado jurídico que demarca o espaço de jurisdição de um Estado-nação ou outra forma de poder, a divisa é a materialidade dessa linha, podendo ser expressa por um rio, uma montanha, uma estrada, um muro etc e às vezes pode não estar claramente fixada. Já a fronteira, embora geralmente vista como uma faixa, uma zona ou um espaço de “contato” entre dois ou mais países em torno do limite político-administrativo, pode significar uma multiplicidade de processos que demarcam a existência da diferença.

Se as fronteiras vistas como limites dos Estados nacionais podem se mover – poderíamos citar muitos casos de expansão territorial nesse sentido – muito mais móveis são as fronteiras demarcadoras das diferenças, sejam elas econômicas, étnicas, linguísticas, dentre outras. Em muitos casos, nos limites nacionais, as diferenças étnicas são fortalecidas, sinalizando com mais vigor a diferença, o eu e o Outro.

O espaço de fronteira contém um entrecruzamento de múltiplas trajetórias, de tempos desiguais e processos de subjetivação também desiguais. O cotidiano das pessoas que vivenciam esse processo é atravessado por fragmentos de tempos e

espaços aparentemente desconectados. Mas, esse “encontro de trajetórias³”, apesar de proporcionar misturas, conexões e aceitações negociadas de ambos os lados, não indica que se configura uma zona híbrida, mestiça, onde o resultado do encontro seja celebrado de maneira harmoniosa.

Apesar de haver intercâmbios, como a utilização de duas moedas em um mesmo município, pratos de origens distintas em um mesmo restaurante ou a convivência de duas línguas sob um mesmo teto, as diferenças persistem e estas são elementos fundamentais para a compreensão das fronteiras. “As fronteiras são fluxos, mas também são obstáculos, misturas e separações, interações e conflitos, domínios e subordinações. Elas representam espaços de poder e de conflitos variados” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 235).

Não desconsiderando as fronteiras entre os Estados nacionais, até porque elas contêm em si muitas outras, priorizamos aqui a fronteira civilizacional, demarcadora de diferenças, espaço de alteridade, como abordado por Martins (2012). Nessas, as expressões “o Outro”, “o estranho” ou “o invasor” podem violentar muito mais do que a cerca e o arame. Aqui, o que separa não é o rio, a montanha ou o deserto. É a cor, a língua, a religião etc.

Segundo Martins (2012), a fronteira é o lugar privilegiado para a observação social pela visibilidade do conflito, nem sempre físico, obviamente. Nela, as trajetórias se encontram e se desencontram.

Refiro-me à alteridade e à particular visibilidade do outro, daquele que ainda não se confunde conosco nem é reconhecido pelos diferentes grupos sociais como constitutivo do *nós*. Refiro-me, também, à liminaridade própria dessa situação, a um modo de viver no limite, na fronteira, e às ambiguidades que dela decorrem (MARTINS, 2012, p. 10).

É importante ressaltar que os movimentos das fronteiras estão inseridos no dinâmico jogo das forças políticas e econômicas internacionais. Ora mais visíveis, ora nem tanto, mas sempre presentes. Com frequência, práticas discursivas contribuem para reforçar a fronteira e demarcar o diferente.

Em interessante trabalho, Oliveira (2015) discute a abordagem dos meios de comunicação no tocante à migração subsaariana na Espanha e haitiana no Brasil,

³ No sentido utilizado por Doreen Massey (2013).

problematizando as expressões comumente associadas a esses processos. Invasão, avalanche, ondas, infiltração e até tsunamis tentam explicar a mobilidade humana, quase sempre com estimativas superestimadas. Desse modo, fomentam o medo e a aversão nos moradores locais, crescendo opiniões contrárias à imigração.

Também, Guimarães *et al* (2015), em trabalho intitulado de maneira provocativa “Pra que engolir rejeitados do Haiti? O lugar de onde falo!”, discute a abordagem da mídia brasileira e a reação dos brasileiros diante da presença haitiana no país, questionando se é o fato de ser estrangeiro que incomoda ou o fato de o estrangeiro não se adequar aos padrões civilizatórios do mundo ocidental, destacando o racismo como elemento fundamental de repulsa.

Esses exemplos corroboram com o argumento de que as fronteiras são relacionais. Dependendo do lugar de origem, da cor da pele, da língua falada, da religião professada, do gênero e outras variantes, um mesmo indivíduo pode ter que atravessar várias fronteiras em seu cotidiano.

Poder-se-ia dizer que a fronteira não é uma “coisa” (por exemplo, um muro, uma cerca ou uma ponte), mas sim “uma relação social mediada pelas coisas”. Isso significa considerar as fronteiras como instituições sociais complexas, marcadas por tensões que se desenvolvem entre práticas de “fortalecimento” e práticas de “atravessamento” (MEZZADRA, 2015).

Na análise das fronteiras – em sua multidimensionalidade – assume papel de destaque os movimentos migratórios. Os migrantes experimentam, na prática, a luta de fronteiras, seja por meio de seu fortalecimento ou por meio de práticas de atravessamento. No primeiro caso, tem-se cumprida a função de regulação, controle e impedimento. No segundo, a mobilidade subverte, em parte, a lógica do controle. Em parte porque ao atravessar uma fronteira, seja ela física ou simbólica, outras tantas poderão surgir, exigindo sempre um novo atravessar.

A mobilidade humana, prática milenar da história da humanidade, alcançou grande destaque durante o século XX, em grande parte facilitada pela modernização dos meios de transporte, do avanço das comunicações e da internacionalização dos processos de produção, circulação de mercadorias e capitais, como já abordamos anteriormente.

Na segunda metade do século XX, aceleraram-se os fluxos de pessoas originárias de países pobres para países ricos economicamente, com grande destaque para fluxos de latino-americanos para Estados Unidos, Canadá e Europa. Para a Europa, também se dirigiram expressivos contingentes de magrebinos e de diversas nacionalidades da Ásia.

Em fins do século XX e início do século XXI, os já conhecidos fluxos migratórios para a Europa e América do Norte passaram por modificações. Apesar da continuidade desses tradicionais destinos, as migrações tornaram-se mais diversificadas e complexas. Sírios, eritreus e afegãos na Europa; senegaleses, haitianos e bolivianos no Brasil; indianos, paquistaneses e filipinos nos países do Golfo Pérsico são alguns exemplos que exigem um olhar mais atento diante desses processos.

Apesar do aumento do número de imigrantes no mundo, são frequentes as violações de direitos de todos os tipos, tornando a corajosa decisão de migrar um permanente atravessamento de fronteiras, dentro e fora dos seus países de origem. Atualmente, cerca de 232 milhões de pessoas são imigrantes⁴ e 21 milhões são refugiados⁵ no mundo. Soma-se a esse número, os milhões de deslocados internos que vivem em situação de vulnerabilidade social.

Paradoxalmente, países que espalham suas empresas pelo mundo, que controlam os grandes fluxos de capitais e informações são os que adotam mais medidas restritivas em relação à imigração. As variadas formas de violência contra imigrantes sobressaem em relação à lógica da acolhida e integração. Não é à toa que vários países têm pautado suas políticas migratórias na perspectiva da segurança nacional e nos nacionalismos em detrimento dos Direitos Humanos.

São frequentes os casos de abusos cometidos por autoridades policiais na abordagem com imigrantes. Nas “lutas de fronteiras”, aqueles que conseguem atravessar são categorizados como “ilegais” ou “clandestinos”. Vulneráveis, milhões se submetem a precárias condições de trabalho, vivendo nas periferias de grandes cidades, submetidos ao controle externo e ao autocontrole permanentes.

Mesmo em situações de “legalidade” jurídica, com a aquisição de vistos temporários ou permanentes, por exemplo, muitos imigrantes continuam sendo o

⁴Informações da Organização Internacional para as Migrações, 2016.

⁵ Dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR, 2016.

Outro, o estranho, e ocupam posições subalternas, marcadas por outras diferenças que fortalecem e redefinem as fronteiras.

Boaventura de Sousa Santos, em suas “Epistemologias do Sul”, argumenta que o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal que separa, segrega e hierarquiza. “O pensamento abissal moderno salienta-se pela sua capacidade de produzir e radicalizar distinções” (SANTOS, 2009, p. 24). Para ele, as linhas abissais globais, nas quais se pautam essas distinções, sofreram dois abalos tectônicos. O primeiro ocorreu com as lutas coloniais e as independências das antigas colônias e o segundo, a partir das décadas de 1970 e 1980, vem ocorrendo com a expansão da lógica da apropriação/violência. Este abalo contém um regresso do colonial e do colonizador e um contramovimento, denominado por ele de cosmopolitismo subalterno.

O regresso do colonial é a resposta abissal ao que é percebido como uma intromissão ameaçadora do colonial nas sociedades metropolitanas. Este regresso assume três formas principais: o terrorista, o imigrante indocumentado e o refugiado. De formas distintas, cada um deles traz consigo a linha abissal global que define a exclusão radical e inexistência jurídica (SANTOS, 2009, p. 33).

Como resposta à “intromissão ameaçadora”, há o retorno do colonizador, trazendo consigo variadas formas de controle, vigilância e segregação, expressas, por exemplo, nos muros, cercas e deportações arbitrárias. Essas situações não marcam apenas as linhas abissais entre nações e nacionalidades, mas convivem conflitivamente em um mesmo país, cidade ou bairro. É a reação violenta do colonizador remarcando a linha abissal.

Para o autor, frente a esses processos, esboça-se uma reação contra-hegemônica, marcada pelas iniciativas e movimentos que lutam contra a exclusão econômica, política e cultural, tendo como exemplo o Fórum Social Mundial. É aí que reside o cosmopolitismo subalterno.

Entretanto, apesar do aumento das redes de solidariedade entre povos do mundo, marcando uma posição alternativa à globalização excludente, as fronteiras que hierarquizam, separam e bloqueiam continuam se fortalecendo, impedindo que fecundos diálogos de conhecimento intercultural se disseminem.

Quando tratamos do trânsito de pessoas, o paradoxo da globalização se escancara. Se por um lado as pessoas migram por conta das assimetrias de poder que se refletem no grau de desenvolvimento dos países e, conseqüentemente, nas oportunidades de emprego e reprodução social, por outro, esses migrantes, geralmente não são integrados nos locais de destino. Ou seja, não integram uma comunidade coesa, permanecem alheios às decisões coletivas, com grandes estranhamentos na sociabilidade dos locais onde chegaram.

E como dissemos, mesmo que os migrantes consigam atravessar as fronteiras nacionais, outras fronteiras persistirão, outras diferenças serão destacadas no encontro com o outro. Nesse sentido, quanto mais coeso for um grupo social, mais difícil será atravessar suas fronteiras e integrá-lo.

Ao chegar em um novo lugar, o migrante é identificado pelos grupos estabelecidos, como o “de fora”, aquele que irá passar um longo período e talvez a vida inteira “deslocado”. Se retornar ao seu lugar de origem, também vivenciará mudanças, porque ele próprio mudou no caminho.

É nesse contexto que os recém-chegados são vistos como pessoas que não conhecem o seu lugar, pois não partilham das mesmas regras sociais dos estabelecidos, que reagem remarcando e fortalecendo as fronteiras. Porém, o atravessamento de fronteiras continua acontecendo, nos forçando a ver o que foi escondido, trazendo para perto o distante. É aí que o estranho bate à porta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente ensaio, abordamos o paradoxo da globalização diante do fortalecimento das fronteiras à luz dos processos migratórios. Observamos que, apesar do discurso hegemônico da globalização que integra e conecta as pessoas, assistimos a um grande fortalecimento das fronteiras, restringindo ou impedindo o fluxo de pessoas.

As migrações, intensificadas com os próprios recursos da globalização, devem ser vistas como uma rica oportunidade de enriquecimento cultural. Além disso, se acompanhadas de políticas de receptividade e acomodação, podem reestruturar mercados de trabalhos onde as ofertas de mão de obra já são escassas.

Das misturas, do conhecimento de culturas distantes, tem-se a possibilidade de produção de um novo discurso, a possibilidade de escrever uma nova história. A imposição de algumas poucas culturas sobre as demais poderia dar lugar à práticas de interculturalidade bem mais orgânicas e solidárias.

De todo modo, enquanto a globalização reafirmar seu papel perverso, impondo conhecimentos “científicos” sobre os “tradicionais”, usufruir de recursos naturais e de mão de obra dos países pobres mas restringir a entrada de pessoas desses mesmos países em outros territórios, padronizar uma língua a ser aprendida, uma moeda a ser adotada, enfim, continuaremos a vivenciar segregações, tensões e conflitos.

REFERÊNCIAS

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. *Global Trends. Forced Displacement in 2015*. Disponível em www.acnur.org Acesso feito em: 09/08/2016.

ALBUQUERQUE, José Lindomar de. **A dinâmica das fronteiras**: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010. p. 268.

BATISTA JR., Paulo Nogueira. Mitos da globalização. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, 12 (32), pp. 125-186, 1998.

GUIMARÃES, Maristela Aabadia; ALONSO, Kátia Morosov; BORGES, Roberto Carlos da Silva. “Pra que engolir rejeitados do Haiti?” O lugar de onde falo! **Revista da ABPN** •, Florianópolis, v. 7, n. 17, pp.143-162, 2015.

HISSA, Cassio Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras**: inserções da Geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

KELSEN, Hans. **Teoria geral do Estado e do Direito**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MEZZADRA, Sandro. Multiplicação das fronteiras e práticas de mobilidade. **REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. Brasília, ano XXIII, n. 44, p. 11-30, 2015.

OIM – Organização Internacional para as Migrações. **Informe sobre las migraciones en el mundo 2015**. *Los migrantes y las ciudades: Nuevas colaboraciones para gestionar la movilidad*. Disponível em: www.iom.int Acesso feito em 09/08/2016.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. Os invasores: as ameaças que representam as migrações subsaariana na Espanha e haitiana no Brasil. **REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. Brasília, ano XXIII, n. 44, p. 135-155, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENEZES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 23-71.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 19ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Recebido em: 23/03/2017

Aceito para publicação em: 29/11/2017